

GONÇALVES DIAS - O maior poeta brasileiro

Antônio Gonçalves Dias, natural da cidade de Caxias, no interior do Estado do Maranhão, é, sem nenhum favor, o maior poeta brasileiro de todos os tempos, aquele que melhor soube cantar as belezas de nossa extremecida Pátria, perpetuando em versos de ouro os costumes, as tradições e o valor dos aborígenes deste imenso e privilegiado torrão.

Gonçalves Dias subiu ao Parnaso precedido de dois vultos homéricos, poetas humanistas e épicos — Gonçalves de Magalhães e M. Araújo Porto Alegre, autores, respectivamente, dos grandes poemas — “Confederação dos Tamoios” e “Colombo”, ambos em versos soltos de majestosa inspiração. Não fora a originalidade e o acendrado nacionalismo do grande vate maranhense, teríamos dúvidas de conferir-lhe a coroa de louros. O incomparável cantor dos Timbiras, surgindo embora no apogeu do Romantismo, não se deixou seduzir muito pela gloriosa escola onde pontificavam — Vitor Hugo e Lamartine, em França; Schiller e Goethe na Alemanha; Carducci na Itália e Byron na Inglaterra, astros de soberana grandeza, que prejetaram luzes deslumbrantes por todo o planeta. Depois de trilhar, por algum tempo, com elevada inspiração e grande bizarria, a seara perfumada do Romantismo, produzindo páginas imortais que nada ficam devendo aos mestres do Velho Mundo, Gonçalves Dias burilou suas portentosas “Poesias Americanas”, onde celebra os feitos gloriosos de nossos antepassados, os bravos ameríndios, senhores da floresta secular. O vate maranhense pintou com cores tão vivas e sugestivas a vida e os costumes dos selvícolas, que nós sentimos, ou melhor, vivemos novamente, através de suas páginas maravilhosas, aquela vida valerosa e chã dos primitivos brasileiros. “O Canto do Guerreiro”, “I-Juca-Pirama” e o poema “Timbiras”, são hinos de vigorosa brasilidade, que nenhum estudante deveria ignorar. Ao invés de andarmos emprestando discos anacrônicos de Tio Sam, nos combates belicosos, como sucedeu por ocasião da última guerra, deveríamos repetir, com o vate caxiense:

Ou vence o homem na lida,
Feliz, coberto de glória,
Ou tomba o bravo sem vida.
Mostrando em cada ferida
Os sinais de uma vitória!

A poesia de Gonçalves Dias recende os aromas da terra virgem e soberana, da selva luxuriante e multiseccular, de um Brasil jovem e valeroso que jamais pensou em subornar-se ao estrangeiro, qualquer que ele seja. É a mais alta expressão da brasilidade, da opulência, heroísmo e valor nacional. Em Gonçalves Dias a naturalidade, a vertiginosa inspiração, a Beleza imortal e o sublimado nativismo correm parelhos atingindo às cumeadas do parnaso helênico. Ele cantou a odisséia dos selvícolas do litoral, espingardeados e esbulhados pelos portugueses, que fugiam para o planalto e foram recebidos a ferro e fogo por seus irmãos adversários, dominadores do vasto sertão. Tragédia única na História! Um povo perseguido por todos os lados, dentro da própria pátria! Uma epopéia de heroísmo, de sacrifícios ingentes, de lutas titânicas e peregrinações infundas através das florestas, durante dois longos séculos. Essa enorme catástrofe, o quase extermínio da raça aborígene é um imenso drama que precisa ser relembrado pelos tempos afora. Um crime inaudito contra a humanidade. Gonçalves Dias desbravou o caminho para os poetas e historiadores do porvir, fornecendo mui preciosos e sedutores subsídios... Foi por excelência o poeta do nativismo e da brasilidade, a quem o próprio Imperador D. Pedro II consagrou a mas alta estima.

Nestes tempos ominosos em que dois mundos se defrontam, com seus vícios e suas ambições diabólicas, — não podemos furtar-nos a transcrever algumas estrofes animadoras do cantor dos timbiras, destacadas da Canção dos Tamoios:

Não chores, meu filho;
Não chores que a vida
É luta renhida,
Viver é lutar;
A vida é combate
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

Domina, se vive,
Se morre, descansa,
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte,
Não fujas da morte,
Que a morte ha-de vir!

A canção é longa, e a exiguidade de espaço não nos permite transcrevê-la na íntegra. A musa de Gonçalves Dias, desde seus Primeiros Cantos, Hinos e Saudades, até as portentosas e anacrônicas Sextilhas de Frei Antão, é toda um poema de alcandorada brasilidade, enlaçando a bravura do gênio lusitano à intrepidez dos indomáveis filhos da floresta. A lira gonçalvina alia os mais nobres sentimentos do coração à Beleza imortal, o humanismo clássico e a inspiração deslumbrante. É poesia perfeita e completa, que se não deve confundir com os tonitroantes lampejos cerebrais do majestoso Castro Alves. O vate baiano tinha as vistas voltadas para o Velho Mundo, procurando atingir o universo, e pode-se dizer que o orador suplantou a personalidade do poeta. Deixou influenciar-se demasiadamente por Hugo e Byron. É o único poeta brasileiro que pode disputar os louros com o cantor dos Timbiras.

Gonçalves Dias explorou todos os gêneros da poesia com elevada inspiração e grande independência mental, demonstrando uma pujança e personalidade geniais. Sua musa, cheia de nobreza e suavidade, é um evangelho de brasilidade, sem similar na poesia nacional até os nossos dias. Castro Alves nos fascina pela sua mocidade generosa e destemida; Gonçalves Dias, porém, é um gênio tutelar da Pátria, sentinela avançada da soberania nacional. Precisamos conhecê-lo, para melhor amar e servir ao Brasil. Sua obra é harmônica, alcandorada, fascinante e nacionalista. É ao mesmo tempo singela e portentosa, meiga e varonil.

É a expressão máxima da Poesia, em nossa Pátria, na opinião de seu epígono Olavo Bilac, que talvez rivaliza com ele sob certos aspectos.

Ribas Silveira